



III SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE URBANIZAÇÃO DE FAVELAS - URBFAVELAS  
Salvador - BA - Brasil

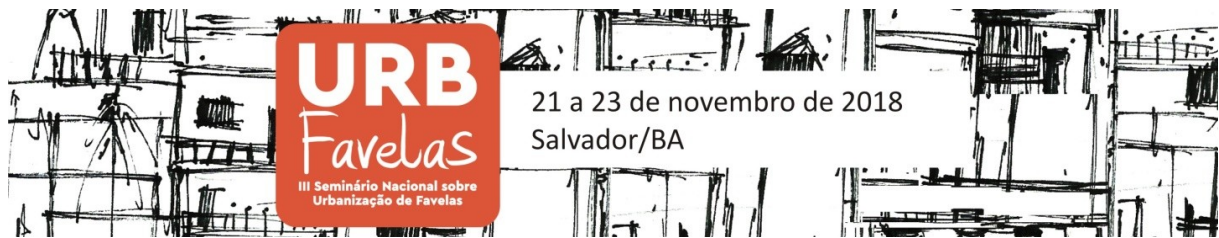
---

DO ESTEREÓTIPO À DIVERSIDADE: A IMAGEM COMO AGENTE DE LEGITIMAÇÃO DA  
FAVELA E INCORPORAÇÃO DE POLÍTICAS URBANAS E HABITACIONAIS

**Carolina M. de Hollanda** (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA) - carolina.dehollanda@unir.br  
*Professora Adjunta da Faculdade Engenharia Civil da Universidade Federal de Rondônia; Conselheira Titular do Conselho da Cidade (ConCidade)– Porto Velho, RO – representante da Univ. Federal de Rondônia.*

**Gerônimo Emílio de Almeida Leitão** (UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE) -  
geronimo\_leitao@uol.com.br

*Professor Dr. Associado II da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF). Diretor da EAU/UFF; Conselheiro Suplente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro e do Instituto de Arquitetos do Brasil.*



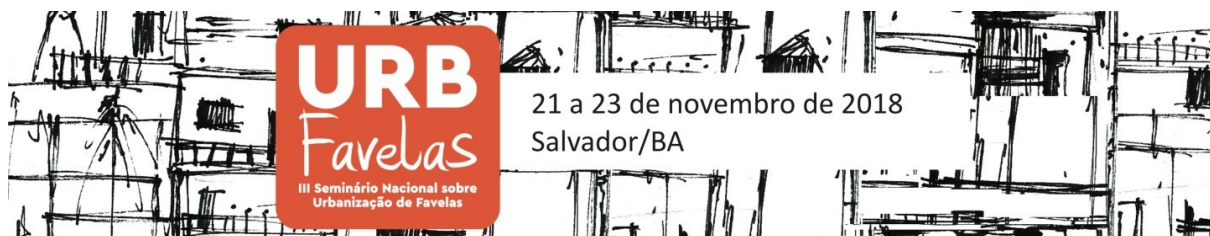
## **DO ESTEREÓTIPO À DIVERSIDADE: A IMAGEM COMO AGENTE DE LEGITIMAÇÃO DA FAVELA E INCORPORAÇÃO DE POLÍTICAS URBANAS E HABITACIONAIS**

### **RESUMO:**

As favelas sofreram profunda transformação em sua imagem no decorrer dos últimos trinta anos, e o reconhecimento dos assentamentos informais como parte integrante da cidade do Rio de Janeiro tem sido intensamente debatido. Com essa mudança, um novo meio de diálogo com os moradores de áreas informais se consolida por intermédio da fotografia e representa uma forma diferenciada de olhar os espaços da cidade em comunidades de baixa renda. A formação de fotógrafos em diversas favelas cariocas conquista um espaço cada vez maior, e esse recente fenômeno possibilita a divulgação de um outro olhar sobre seu habitat, distinta da representação negativa, usualmente disseminada pela grande mídia do fotojornalismo. A pesquisa teve como objetivos: verificar de que forma a fotografia documental contribui para melhor compreensão das transformações no habitat das favelas; investigar se as autorrepresentações desempenham uma crítica frente à forma usual de registro das favelas pelas grandes mídias impressas; e analisar como a fotografia pode auxiliar na construção do espaço urbano como elemento conscientizador. Buscamos, aqui, contribuir para o entendimento do significado das autorrepresentações na contemporaneidade e seu alcance na análise dos problemas e potencialidades habitacionais e urbanísticas identificadas nas favelas a partir de seus próprios moradores.

**Palavras-chave:** Assentamentos urbanos. Autorrepresentações. Política habitacional.

**ST-5:** Outras Práticas Sociais em Favelas, Bairros e Assentamentos



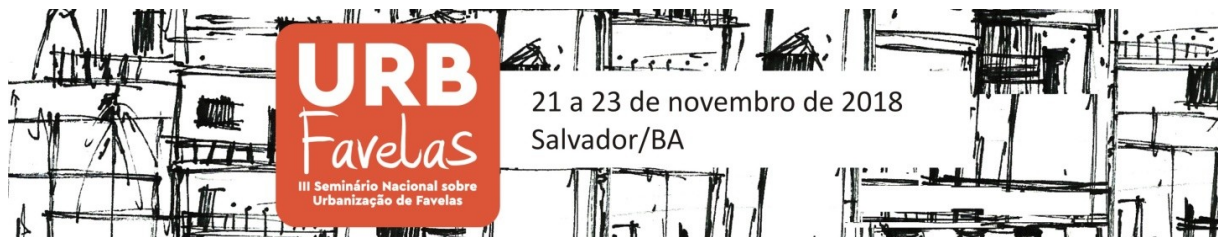
## INTRODUÇÃO

Essencialmente urbana, a fotografia sempre acompanhou e documentou a vida nas cidades, seus eventos políticos, sociais. Desde o surgimento da fotografia na terceira década do século XIX até os dias atuais, porém, ocorreu uma profunda mudança no que diz respeito à situação da cultura da imagem. No final da década de 1980 e início da década de 1990, a “Era da Globalização”, considerada por muitos autores um processo histórico tão importante quanto o da Revolução Industrial, trouxe consigo a necessidade de reestruturação do papel específico das cidades. O mencionado panorama econômico-político mudou radicalmente os papéis e as relações entre as grandes cidades e, também, transformações intraurbanas. É nesse contexto que surge o conceito do planejamento estratégico com enfoque no planejamento urbano.

Tal modelo de gestão de cidade, considerado, a partir de então, o “ideal” de uma administração governamental, passou a estabelecer, entre outras metas, a da participação cidadã – a que mais nos interessa, nesta pesquisa –, que exige, na implementação de um programa, onde todos os atores afetados no desenvolvimento social do espaço urbano estejam efetivamente envolvidos no processo de planejamento, gestão e execução.

No caso da cidade do Rio de Janeiro, o plano estratégico teve como produto um conjunto de ações, cujas propostas se direcionaram para a urbanização das favelas, envolvendo a questão da participação popular, prevista em uma das diretrizes do Programa Favela-Bairro (PFB) (SILVA JUNIOR, 2006). O programa representava o fim da política de remoções e consolidava, ainda, a mudança na relação Estado/Favelas, iniciada, com a redemocratização do país, nos anos 1980 (LEITÃO, 2009). Ainda que o objetivo deste artigo não tenha como foco se debruçar sobre o Programa Favela-Bairro – e nem sobre a gestão participativa – é importante citá-lo, pois esta política pública surge exatamente nesse contexto, em 1994.

É interessante notar como a questão da imagem das favelas é abordada de forma habilidosa e objetiva pelo PFB. Desse modo, a mudança na forma de representar as favelas surge como uma estratégia de *marketing* por parte da mídia oficial, a partir da década de 1990, quando o Plano começa a ser implementado. Coordenado pela Secretaria Municipal de Habitação e financiado pelo Banco Interamericano de



Desenvolvimento (BID), o PFB considerava a integração social das favelas com a cidade, assim como a sua transformação em bairro como um dos principais problemas das favelas, o que constituiria no seu principal objetivo (MENDES, 2006, p. 5).

O PFB não atingiu diversas de suas metas por questões que, aqui, não nos convém determo-nos (MENDES, 2006). Contudo, as intervenções urbanísticas promovidas pelo PFB, nas favelas cariocas, foram incapaz de eliminar o olhar estereotipado sobre essas áreas, que permaneceram, desse modo, na dimensão simbólica, apartadas da cidade. Por sua vez, simultaneamente, os moradores das periferias, na ausência de representação de suas outras características, passaram a reivindicar seu espaço, buscando construir uma fala em que pudessem, eles mesmos, narrar sua própria identidade.

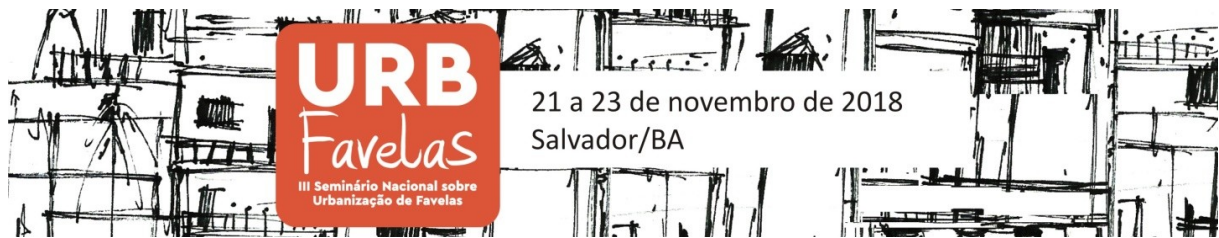
No Complexo da Maré, por exemplo, uma das favelas mais representativas – tanto por sua organização como pela sua dimensão – a busca incessante dos moradores pela inserção desse território na cidade teve início na década de 1970 e desdobrou-se na organização das associações locais e na criação de projetos educacionais, culturais e esportivos. Tais iniciativas transferiram aos próprios moradores o dever de afirmar e garantir seus direitos como cidadãos desta cidade, lutando pelo reconhecimento da pluralidade do local em que vivem.

O “Observatório de Favelas”<sup>1</sup>, localizado na Maré, criado em 2001, veio justamente inaugurar um discurso que tem como objetivo conceituar as favelas também como espaços de invenção e de criação e potencializá-las como parte integrante e integradora da cidade, como afirma Jailson de Souza Silva, fundador e coordenador geral do Observatório de Favelas, em entrevista <sup>2</sup>:

“A gente queria apresentar a favela em sua concretude de outra forma. Nem nessa representação tradicional centrada na violência, nem nessa representação um pouco mítica “na favela todo mundo é legal, todo mundo é gente boa, todo mundo é do samba, todo mundo é solidário, é uma comunidade”. E nem nessa visão tradicional também de que a favela é

<sup>1</sup> “O Observatório de Favelas é uma organização da sociedade civil de pesquisa, consultoria e ação pública dedicada à produção do conhecimento e de proposições políticas sobre as favelas e fenômenos urbanos. Buscamos afirmar uma agenda de Direitos à Cidade, fundamentada na ressignificação das favelas, também no âmbito das políticas públicas.” (Disponível em < <http://of.org.br/apresentacao/>>. Acesso em 17/04/2018).

<sup>2</sup> Entrevista concedida em 2015 *apud* HOLLANDA, 2015, p. 84.



simplesmente um espaço de mercado de trabalho, de mão de obra ociosa, que não cria, que não inventa, como aquela ‘galera’ que só faz trabalhos manuais e assim vai.”

Para SILVA, apresentar as favelas em sua totalidade, divulgando-as de uma outra forma, se tornou um objetivo urgente:

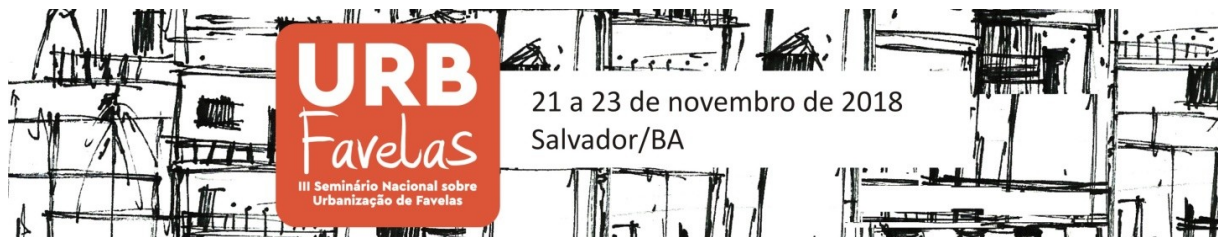
“O grau de pluralidade da favela para a gente é muito importante. E a pluralidade se expressa tanto na questão das experiências culturais que são: muito sofisticadas, outras menos, como outras também que são muito associadas às lógicas capitalistas como a mulher, o machismo...o próprio racismo na favela, a violência contra o povo, e ao mesmo tempo, todo esse processo de construção de fórmulas inventivas daquele espaço e do cotidiano, aquelas regras; a regulação daquele território – para além do estado.”<sup>3</sup>

Nesta pesquisa, a fotografia também cumpre uma função: não está presente como mero instrumento de investigação, como suporte metodológico. A fotografia, aqui, desvendou questões urbanas: foi possível compreender a cidade por intermédio de qual uso se faz da imagem. E a imagem nos contou uma outra história, de uma outra maneira: a história das favelas e de sua nova posição como área de cidadania, de cultura, de arquitetura, de habitação e tantos outros quesitos.

Como objetivo central, nos interessou, especialmente, investigar se os registros visuais sobre as favelas pelos fotógrafos populares desempenham uma crítica frente à forma usual como a favela é divulgada nas grandes mídias e verificar de que forma a fotografia documental auxilia a melhor compreensão da transformação do espaço habitacional em assentamentos urbanos.

Para as entrevistas, foram escolhidos dois grupos de entrevistados que se encontram dentro de um mesmo universo, porém, considerando suas percepções e vivências profissionais específicas: a) os fotógrafos populares, ex-alunos da escola do programa “Imagens do Povo”, os coordenadores e os idealizadores da escola; b) os fotojornalistas renomados que trabalharam na década de 1970 e 1980 e/ou aqueles que trabalham atualmente em alguns dos maiores jornais da cidade do Rio de Janeiro. Nas entrevistas, foram considerados os seguintes aspectos da questão em análise: a conscientização do fotógrafo popular sobre a

<sup>3</sup> Entrevista concedida em 2015 apud HOLLANDA, 2015, p.06.



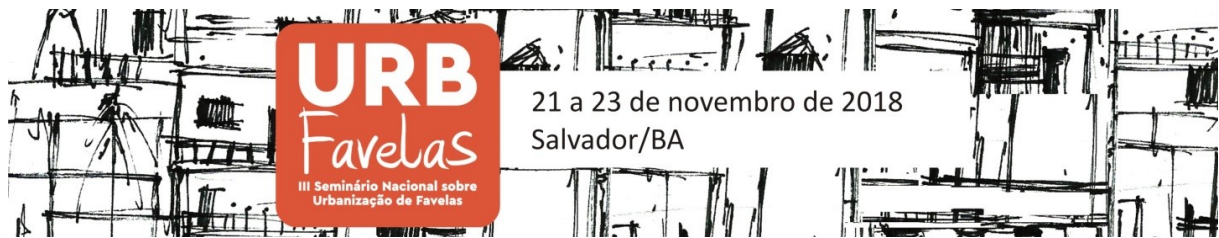
função social de sua atividade; a contextualização de sua temática favorita dentro do universo da cidade; a interpretação da imagem registrada pelo fotógrafo popular; e a proposta projetual que se julga necessária a partir da divulgação da fotografia.

### **A URBANIZAÇÃO DAS FAVELAS: ALÉM DE UMA MELHOR QUALIDADE DE VIDA, A BUSCA PELA CONSTRUÇÃO DE UMA OUTRA IMAGEM.**

Leonel Brizola, eleito, em 1982, governador do estado do Rio de Janeiro, com a proposta de “transformar as favelas em bairros populares” (LEITÃO, 2009, p. 51), promoveu uma gestão que apontou para uma nítida transformação na relação Estado/Favelas. Dessa forma, são criados programas de implantação de infraestrutura de saneamento e regularização fundiária em comunidades faveladas, sendo a urbanização do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, um exemplo emblemático dessas ações. Uma década depois, essa transformação na relação Estado/Favelas ganhou expressão ainda maior com a elaboração do Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro, que, em seus artigos 148 a 151 “recomenda a inclusão das favelas nos mapas e cadastros da cidade, e enfatiza a participação dos moradores no processo de urbanização”. Aponta, ainda, a necessidade de se “preservar a tipicidade da ocupação local”, e destaca “o esforço para integrar as favelas aos bairros” (LEITÃO, 2009).

Essas iniciativas governamentais estavam igualmente comprometidas com a busca da construção de um novo olhar sobre as favelas. Vivia-se, por um lado, em um cenário político de redemocratização do país, com a percepção progressista de que era fundamental reconhecer a favela como parte integrante da cidade; por outro, havia um movimento de setores diversos da sociedade em busca da dissociação da imagem da favela à violência, procurando ressaltar outros atributos, associados à configuração espacial diferenciada, às práticas culturais e, em alguns casos, à singularidade do sítio natural que ocupam.

No final de 1992, o registro nas mídias impressas que se tinha sobre as favelas e seus moradores ainda era, contudo, associado a um lugar do perigo, da doença. As chacinas da Candelária e de Vigário Geral, bem como os arrastões, que acabaram se tornando frequentes, principalmente nas praias da zona sul da cidade, reforçaram um quadro de preconceito contra



o jovem da favela. Na medida em que a visibilidade da pobreza aumentava, a violência urbana se tornava pauta recorrente nos jornais.

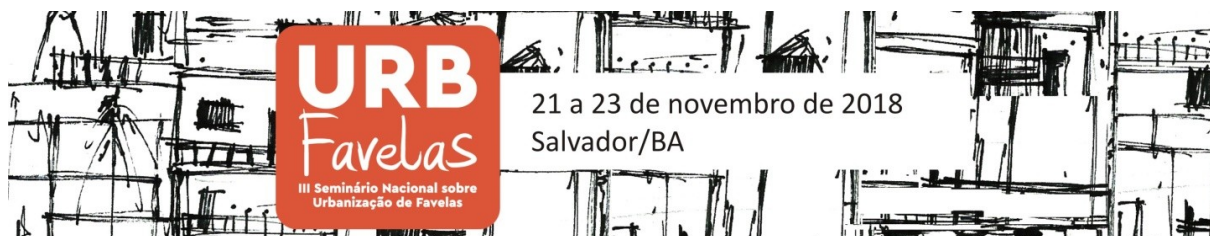
Paradoxalmente, a divulgação massiva, por parte da imprensa, de uma visão negativa das favelas, durante muitos anos, fez com que os próprios moradores se questionassem quanto à ausência de uma caracterização também positiva das comunidades populares. Ressalte-se nessa discussão que essa estigmatização deriva de preconceitos locais e tem rebatimento na vida dos moradores de favelas ou de assentamentos em áreas periféricas: os estereótipos sobre a favela são fortemente generalizados e absorvidos de maneira tão imediata pela sociedade, que acabam por se constituir, na verdade, em um instrumento ideológico para justificar as políticas das classes dominantes (PERLMAN, 1977). Segundo a autora, tais moradores não estão excluídos e nem à margem da sociedade; muito menos lutam pelo seu direito à integração à cidade, pois nela já estão inseridos – inseridos, no entanto, de forma perversa a partir do momento que tal “inclusão” vai de encontro aos seus interesses e à sua ausência de cidadania.

Nesse contexto, um novo meio de afirmação dos moradores que vivem nessas comunidades tem se consolidado por intermédio da fotografia e representa uma forma diferenciada de construir um novo olhar desses espaços distintos da cidade.

## **A GRANDE MÍDIA E A CONSTRUÇÃO NEGATIVA DA IMAGEM DAS FAVELAS**

A favela, de acordo com SILVA e BARBOSA (2005, p. 24), é sempre o local reconhecido por aquilo que não tem: “um lugar sem infraestrutura urbana - água, luz, esgoto, coleta de lixo -, sem arruamento, sem ordem, sem lei, sem moral e globalmente miserável. Ou seja, o caos.” O espanto narrado pelos autores vem em resposta ao questionamento: como e por que a favela e seus moradores adquiriram uma imagem essencialmente e exclusivamente tão negativa, e por que a dificuldade de serem vistos e identificados por suas características reais e não somente por aquelas elaboradas segundo um estereótipo limitador? Portadoras de um forte discurso político, as imagens das favelas que normalmente são apresentadas nos jornais trazem, invariavelmente, uma construção negativa, pautada em estereótipos, que acabam por reforçar aqueles já construídos no imaginário da sociedade carioca.

Quando o fotógrafo João Roberto Ripper fala sobre um dos motivos que o estimulou a



fundar o programa “Imagens do Povo”<sup>4</sup> – referência na cidade do Rio de Janeiro – é interessante observar a importância de se querer mostrar um lado pouco divulgado na mídia, pois está ali, intrínseco, um problema relacionado à identidade e ao risco de se apresentar uma única história da favela. Na verdade, está ali o grande questionamento que remete ao artigo 19º da Declaração Universal do Direito do Homem, como afirma:

[...] as pessoas têm direito de investigar aquilo que desejam saber. E uma vez de posse dessa informação, divulgá-las usando de quaisquer meios, sem que sofram censura por isso. Então, o que era vontade minha era dizer para as pessoas “você têm o direito de buscar a informação que você desejam e de divulgar essa informação” [...] uma discussão que tem a ver com tudo na cidade, porque tem a ver com o direito de informar. De quem é o direito de informar? O direito de se investigar, correr atrás das informações que se deseja saber é um direito de todas as pessoas [...] o que acontece no espaço público - informar é uma defesa da democracia de direitos. Então a gente começou a colocar muito isso para os fotógrafos.<sup>5</sup>

Só assim, portanto, estudando a fotografia e seu valor na compreensão do espaço urbano é que se tornou possível a formação de fotógrafos engajados socialmente com a representação de sua realidade. Com o programa, se tornou possível também a veiculação de imagens novas, que contam outras histórias: histórias distintas sobre uma mesma cidade.

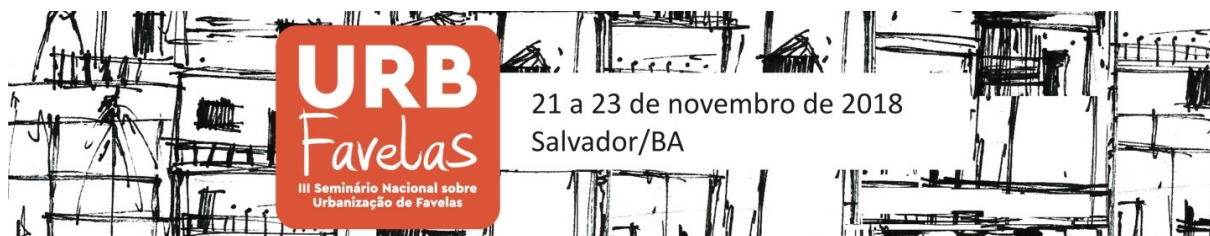
Uma das maiores críticas aos fotojornalistas da grande mídia que vão até a favela para fotografá-la, é justamente a ênfase dada ao quadro de violência como se esse esta fosse o único tema a ser divulgado como notícia local. O documentário “Abaixando a Máquina – Ética e Dor no Fotojornalismo Carioca”<sup>6</sup>, ao questionar a ética no fotojornalismo, mostra, em um determinado momento, a visão do morador da favela sobre o modo como seu espaço é documentado. A maioria deles demonstra uma clara insatisfação quanto à produção das imagens das comunidades propagadas na mídia. O fotógrafo Leo Lima, formado pelo programa “Imagens do Povo”, afirma: “é preciso saber se o fotografado se sente

<sup>4</sup> “Realizado pelo Observatório de Favelas, o Imagens do Povo é um centro de documentação, pesquisa, formação e inserção de fotógrafos populares no mercado de trabalho. Criado em 2004, o programa alia a técnica fotográfica às questões sociais, registrando o cotidiano das favelas através de uma percepção crítica, que leve em conta o respeito aos direitos humanos e à cultura local.” (Disponível em <<http://www.imagensdopovo.org.br/apresentacao/>>. Acesso em 17/04/2018).

<sup>5</sup> Entrevista concedida em 2015, *apud* HOLLANDA, 2015, p.90.

<sup>6</sup> Documentário realizado pela produtora Núcleo da Imagem em parceria com a Approach Comunicação, empresa de comunicação e assessoria de imprensa do Rio de Janeiro.





representado; se não, não divulgo. Se publicar e não gostou, delete. Esse é o tipo de cuidado que a grande mídia não tem.” (LIMA, 2015 *apud* HOLLANDA, p.238).

Neste documentário, a fotógrafa Márcia Folleto faz considerações a respeito de sua profissão e, quando indagada sobre como interpreta o papel do fotojornalista, afirma que reconhece que a atuação do jornal deveria servir não somente para enfatizar a desgraça, mas também “para mostrar a vida, pra mostrar o dia-a-dia, pra mostrar as coisas boas dos trabalhadores”.<sup>7</sup>

Alexandre Brum, também fotojornalista, afirma também a respeito:

Talvez eles se sintam alvo somente das nossas objetivas quando num momento de dor. Então talvez seja essa a compreensão em relação ao nosso trabalho. Quando a gente vai a uma comunidade ou é para cobrir o Carnaval da escola de samba ou é pra cobrir algum ato de violência, um confronto entre traficante e a polícia. E as coisas boas eu acho que a gente até cobre sim, mas deixa muito a desejar sim.<sup>8</sup>

Márcia Folleto procura encontrar uma explicação que ajude a compreender o motivo de por que a década de 1980 - 1990 ter se configurado como um período em que os fotógrafos dos jornais passam a ser malquistos pelos moradores da favela:

Parece que essa inversão em cima da imprensa dentro de uma favela (se referindo ao fato de ter virado o alvo dentro do tráfico), se dá também pela ausência da imprensa dentro da comunidade em outras questões que não sejam de violência [...]. Se a gente fosse mais vezes (na favela) falar de outras coisas, enfim, tivesse mais contato com as pessoas, a gente não teria virado o inimigo como somos hoje. Eu acho que a gente provocou essa situação.<sup>9</sup>

Ivo Gonzalez, por sua vez, no mesmo documentário, vai ao encontro das falas dos fotojornalistas Alexandre Brum e Marcia Folleto, e denuncia a exploração da miséria como principal fator para que a maioria das pautas jornalísticas foque suas imagens apenas naquilo

<sup>7</sup> Entrevista concedida em 2015, *apud* HOLLANDA, 2015, p.91.

<sup>8</sup> Documentário "Abaixando a Máquina – Ética e Dor no Fotojornalismo Carioca, minuto" 51:43 *apud* HOLLANDA, p.95.

<sup>9</sup> Documentário "Abaixando a Máquina – Ética e Dor no Fotojornalismo Carioca, minuto 52:36 *apud* HOLLANDA, p.92.

que signifique um problema.

Dessa forma, os jovens das favelas, com o ensejo de se sentirem representados de fato, foram, aos poucos, conquistando seu espaço por intermédio do exercício fotográfico, e passaram a intervir diretamente na divulgação visual das favelas, colaborando para um diálogo mais estreito com a outra parte da cidade, melhor dotada de infraestrutura e dos cuidados do poder público. Ao ganharem reconhecimento também fora das favelas, passaram a valorizar seu território pela imagem que dele se divulga. Porém, longe de quererem mostrar a favela como um local idealizado e/ou irreal, eles denunciam também a violência armada e as carências, por exemplo, de infraestrutura habitacional e urbana como as valas, o esgoto a céu aberto, o descontrole da construção habitacional assim como tantos outros problemas a serem solucionados (GAMA, 2012); por outro lado, fazem questão igualmente de divulgar o lado positivo do local que habitam.

Figura 01 - “Ocupação do morro Dona Marta”, 1980.



Fotografia de Ricardo Beliel - (Fonte: *site O Globo*).<sup>10</sup>

Figura 02 – Na foto, meninos em hora de lazer sendo observados por policial do Batalhão de Choque

<sup>10</sup> Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/governo-do-estado-vai-inaugurar-nesta-quarta-duas-upps-na-penha-5319667>>. Acesso em 16/08/2015.



Fotografia de Marcia Foletto (Fonte: *site* Paraty em Foco).<sup>11</sup>

Figura 03 - “Policiais do Batalhão de Choque tomam o alto da comunidade da Rocinha. Na foto, policiais da equipe que prendeu o traficante “Nem” ocupam uma laje na localidade conhecida como Arvrão, 2009.



Fotografia de Marcia Foletto - Fonte: *site* O Globo.<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Disponível em <<http://paratyemfoco.com/blog/2010/02/cinco-perguntas-para-marcia-foletto/>>. Acesso em 16/07/2015.

<sup>12</sup> Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/casas-dos-trafficantes-na-rocinha-3230565>>. Acesso em 15/08/2015.

Figura 04 – O fotógrafo Ricardo Beliel fotografando um traficante.



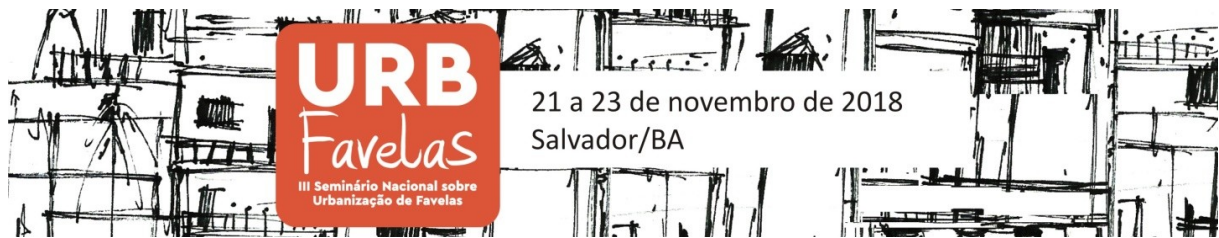
Fonte: Site BI/Associação Brasileira de Imprensa.<sup>13</sup>

### 3. A IMAGEM AUTORREPRESENTATIVA: O MORADOR COMO O PROTAGONISTA VISUAL DE SUA PRÓPRIA HISTÓRIA

Nesse sentido, a agência “Imagens do Povo”, particularmente, surge com uma proposta diferenciada ao trazer como um dos principais objetivos o reconhecimento e fortalecimento da identidade da favela na cidade e, assim, tornar possível a quebra de um estereótipo pejorativo relacionado à sua imagem, além de fazer distinguir sua riqueza e pluralidade culturais (Solos Culturais, 2013).

Os jovens moradores locais passam a visualizar o ato de fotografar como uma

<sup>13</sup> “Durante a famosa guerra do tráfico de drogas no morro Dona Marta, em Botafogo, na Zona Sul do Rio, retratada no livro ‘Abusado’, de Caco Barcelos, estive por uma semana, dia após dia, subindo vielas, entrando em barracos e lajes, convivendo com o drama dos moradores da favela. Naquela época, a imprensa conseguia ter acesso aos grupos de traficantes e seus líderes, muitas vezes com entrevistas agendadas por eles próprios. Isso foi muito marcante no Dona Marta, onde os bandidos rivais ‘Cabeludo’ e ‘Zaca’ chegaram a dar entrevistas coletivas como comandantes de forças legais numa guerra declarada” (Disponível em <<http://www.abi.org.br/dona-marta/>>. Acesso em 16/08/2015).



possibilidade de deixarem de ser apenas o “objeto” de representação para se tornarem, eles mesmos, os “autores de sua própria imagem” (GAMA, 2012). Criam, assim, um espaço para que se divulgue não apenas um único ponto de vista sobre a favela, mas, outros olhares, que trazem sua vivência cotidiana.

A linguagem visual assume, portanto, e de forma concreta, o papel norteador desta pesquisa na análise investigativa da cidade, da construção de seu contexto urbano, sobretudo por meio do registro realizado pelos moradores sobre sua própria realidade local. As questões principais que se colocam neste artigo são, naturalmente, decorrentes do valor da fotografia como documento de memória e melhor compreensão das cidades.

Para a realização da pesquisa partiu-se de duas hipóteses: 1) a primeira hipótese colocada deriva da afirmação de que a imagem da favela sofreu uma forte transformação e suas belezas ganharam voz na mídia impressa por meio do movimento das escolas populares de fotógrafos que surgiram nas favelas nos últimos trinta anos, a partir de um processo iniciado na década de 1980 - sendo assim: qual o alcance da imagem autorrepresentativa dessas comunidades periféricas nas novas redes e mídias sociais?; 2) a segunda hipótese diz respeito à função da fotografia e/ou imagem na construção da cidade, e questiona se o exercício da autorrepresentação fortaleceu o seu papel como parte integrante do mundo urbano. Ao conhecerem as outras histórias das favelas, os habitantes da cidade oficial poderiam passar a compreendê-las não mais como um local à parte, mas, como outro bairro da cidade do Rio de Janeiro, com as singularidades características naturais de todo local. Podemos, assim, questionar: a requalificação espacial da favela, por intermédio da divulgação de uma outra imagem de sua realidade local, de fato é implementada, ou a exclusão dessas áreas permanece?

Figura 06 - “Auma trabalha durante o MOF (Meeting of Favela),

encontro de grafiteiros na Baixada Fluminense.”



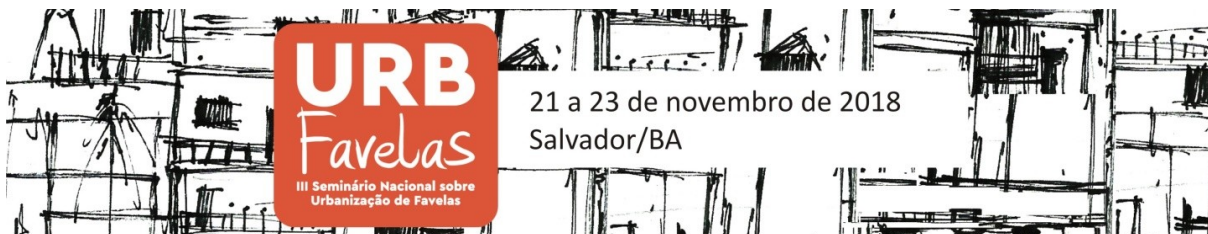
Fotografia de Ração Diniz. Reprodução. (Fonte: DINIZ, 2014).

Figura 07 - Encontro de folias na quadra da escola de samba do Santa Marta.



Fotografia de Ração Diniz. Reprodução. (Fonte: DINIZ, 2014).

Figura 08 - “Remoções no Morro da Providência”

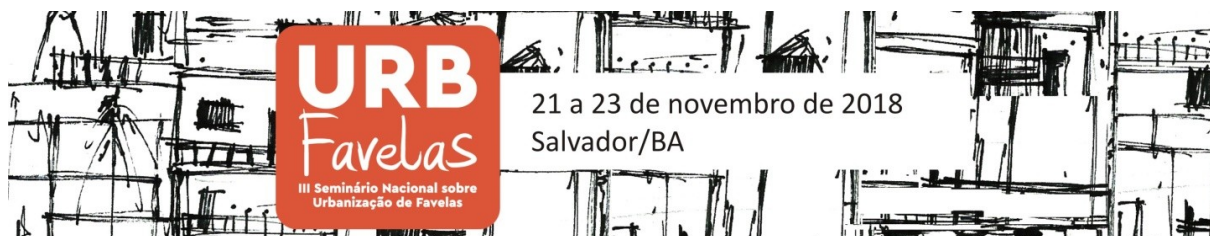


Fotografia de Rubia Pella (Fonte: *site* Imagens do Povo).

Figura 09 - “Pipa em céu chuvoso”. Baixa do Sapateiro, Maré, Rio de Janeiro.



Fotografia de Ratão Diniz. (Fonte: *site* Imagens do Povo).



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

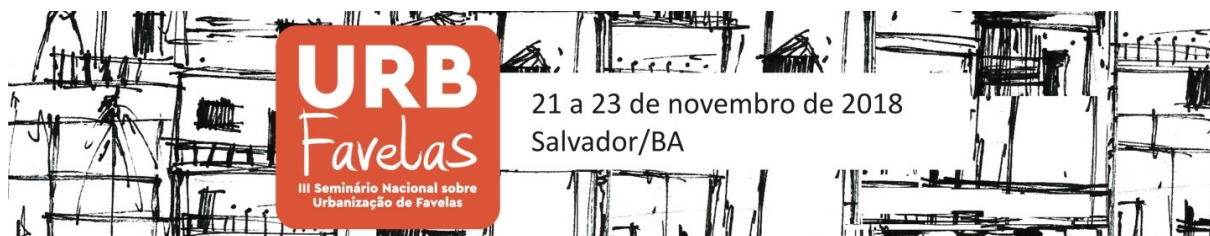
Diversos autores estudaram as transformações que a favela sofreu, na década de 1980, no que tange às condições de abastecimento de energia elétrica, ao esgotamento sanitário e à coleta de lixo, bem como à construção de equipamentos comunitários. Reportagens publicadas em diversos meios de comunicação constataram, nos últimos dez anos, o surgimento de uma “nova classe média” nas favelas cariocas, que passaram a ser ainda mais diversificadas no que se refere à presença de atividades comerciais e de serviços.

Esse caráter heterogêneo da favela contemporânea faz com que se torne cada vez mais necessário abordar a história desses assentamentos sob outro viés. E nessa abordagem – distinta daquela retratada pela mídia –, a questão da subjetividade da fotografia é enfatizada, pois ela interfere na forma como a imagem é divulgada. Principalmente quando se leva em consideração o entendimento dessas diversas subjetividades, que, por sua vez, apontam a existência de várias cidades em uma só, e que existem sempre belezas e problemas em cada uma de suas partes.

O fotógrafo popular visa mais do que contestar essa visão estereotipada da favela, apresentada como uma territorialidade demarcada, excluída da cidade: ele tem por objetivo ocupar os espaços que lhe são de direito dentro da cidade. A fotografia pode até ser, no princípio, utilizada como uma atitude de resistência, mas o que se deseja vai muito além dessa questão: o morador tem por objetivo a divulgação e a absorção de uma favela diferente daquela presente no senso comum e também a luta pela implementação de programas advindos do setor público. Nesse sentido, desejam, também, ter voz e serem reconhecidos como habitantes de áreas que igualmente produzem cultura, educação, atividades artísticas.

É interessante ter tido contato com trabalhos fotográficos que retratam, por exemplo, a favela como parte não responsável pelos conflitos do tráfico. Há imagens autorrepresentativas que evidenciam a ocupação de veículos militares, da polícia e a interferência agressiva por parte do poder público na vida da favela. Foi possível observar, nas imagens selecionadas pela pesquisa, que há uma forte intenção de mostrar as festas populares, o convívio cotidiano, as tradições da favela. Nesses registros há, também, o objetivo de





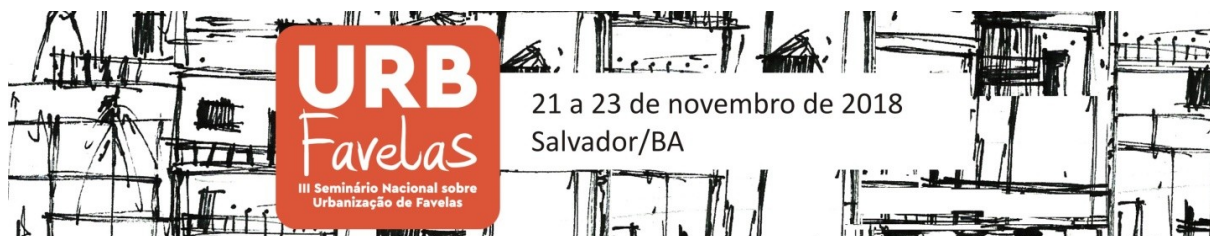
denunciar a negligência por parte do Estado em relação à favela e que se reflete diretamente no acesso do morador à melhores condições de vida.

O surgimento das escolas de fotógrafos populares é essencial nessa inversão de posições: o morador da favela, antes objeto de observação e excluído em uma cidade estruturada em duras hierarquias sociais, passou, por intermédio desses projetos de inclusão social, a ter sua própria representatividade: o olhar de quem não mais quer ser tido como o marginal, o indesejável. Houve, desse modo, uma transformação que o capacitou a ter voz própria ao falar de seu território: de mero sujeito “objeto de estudo”, passou a exercer o papel de informante, de protagonista na construção da representação da imagem da comunidade onde vive. E, nessa transformação, é indispensável reconhecer que o surgimento das escolas de fotografia – assim como as de outras atividades artísticas que igualmente possibilitam a projeção visual de sua cultura –, foram extremamente facilitadas pela explosão das mídias sociais.

Tal revolução conferiu uma autonomia digital que, por sua vez, potencializou o registro dos fotógrafos populares. A era digital, sem dúvida alguma, teve contribuição fundamental na viabilização desta ideia. Essa mesma iniciativa, em outros tempos – em que ainda seria necessário arcar com custo do filme, da revelação, dos produtos químicos, da impressão e ampliação da imagem – teria sido muito mais complexa, dificultando a construção e a difusão desse novo olhar alternativo. Isso não significa, contudo, que a fotografia popular esteja condicionada à revolução digital, porém essa inovação tecnológica potencializou seu surgimento e desenvolvimento.

Nesse cenário, a criação da escola de fotógrafos populares na Maré e no “Observatório de Favelas” representa um ícone, entre tantas outras atividades, que tem como objetivo final a reconstrução da imagem da favela, pois expressa um contexto político e ideológico marcante, o que lhe confere um diferencial: um jovem, aluno do programa, que colabora na alimentação do banco de imagens, pode construir, a partir de agora, um discurso crítico direto sobre seu cotidiano.

A imagem da favela ainda não sofreu a transformação necessária na mídia impressa (ou televisiva, o que não é o caso de análise deste artigo): os grandes jornais permanecem praticamente com o mesmo olhar de décadas atrás e continuam apresentando a favela



apenas pelo seu viés violento, na grande maioria das vezes. Se, atualmente, há menos notícias vinculadas à ação do narcotráfico, podemos concluir que tal postura não significa exatamente uma mudança: traduz, apenas, uma situação momentânea, atrelada a motivos, talvez, sócio-políticos. De modo geral, a representação da favela nesses veículos de comunicação ainda é, majoritariamente, aquela que associa esta parte da cidade à desordem, à violência, ao caos.

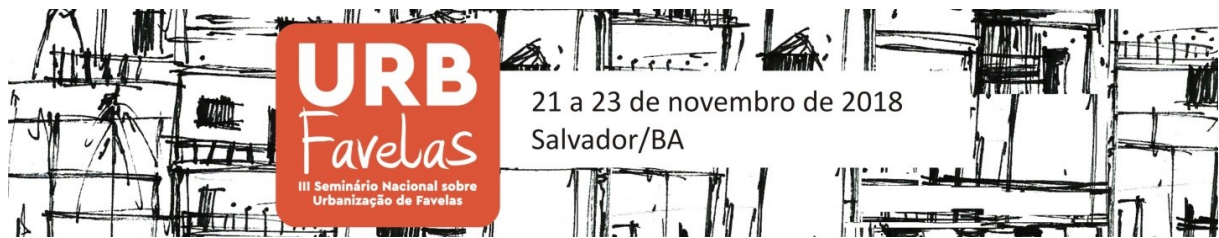
Por outro lado, as novas redes sociais ganham força e ocupam, agora, um lugar de relevância nos meios de comunicação “alternativos”. Nelas, a favela alcançou seu destaque, graças aos olhares trazidos pelos seus próprios moradores. Não são olhares necessariamente sempre positivos, mas um modo de ver que a legitima enquanto parte integrante da cidade. Um modo de ver mais comprometido com a realidade local. Por essas imagens, podemos, inclusive, reconhecer a riqueza das práticas cotidianas, que têm como suporte físico uma espacialidade urbana singular.

A discussão sobre a integração da favela à cidade surge, também, nas discussões promovidas pelo programa “Imagens do Povo”. Para esse coletivo, a integração se dá pelo sentimento de pertencimento, de identificação, e não, simplesmente, pela implementação de programas de urbanização - necessários, sem dúvida: há que reconhecer, a princípio, que a favela é cidade, com suas particularidades, como qualquer outro bairro da cidade do Rio de Janeiro. E o processo gradual da transformação da imagem da favela, que tem como principal suporte o exercício da autorrepresentação, contribui significativamente para esse reconhecimento.

Existe, cada vez mais, um interesse concreto por esse outro registro da favela: está em formação um novo público, que passou finalmente a enxergá-la como local de produção, berço de criação, de arte, e onde novos e talentosos artistas são revelados. Se nos primórdios de nossa história fotográfica tínhamos, em sua maioria, estrangeiros voltando seu olhar documental sobre nossa cidade<sup>14</sup>, atualmente, são incontáveis os nomes de fotodocumentaristas cariocas que mergulham no tema da urbanidade, e eles estão imbuídos de uma ideologia diferente da grande mídia no que diz respeito à representação da imagem da

---

<sup>14</sup> Somente um brasileiro foi responsável pelo registro sistemático da cidade do Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX: Augusto Malta.



favela. Para eles, a cidade deve ser representada como um todo, integrando suas partes em uma só imagem: legitimando a favela na documentação da memória urbana.

## REFERÊNCIAS

### - Livro

ABREU, M. de A. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1987.

ABREU, M.; VAZ, L.F. **Sobre as origens da favela**. Trabalho apresentado no IV Encontro Nacional da ANPUR, 1998.

COLLIER, John. **Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: E.P.U., Editora Pedagógica e Universitária Ltda/Ed. USP, 1973.

DINIZ, Ratão. **Em Foto**. Rio de Janeiro: Mórula, 2014. 176p.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 168p, 1999.

LEITÃO, Gerônimo. **Dos Barracos de Madeira aos Prédios de Quitinetes: uma análise do processo de produção da moradia na favela da Rocinha, ao longo de cinquenta anos**. Niterói: EdUFF, 207p, 2009.

MARÇAL, Andrade Joaquim F. & KÉSIAH, Viana. P. **Do Nascimento da Fotografia ao Livro Fotográfico: um retrato da formação do Brasil**. Brasileira da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, fls.418/437,2001.

PERLMAN, Janice E. **O mito da marginalidade: favelas e políticas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

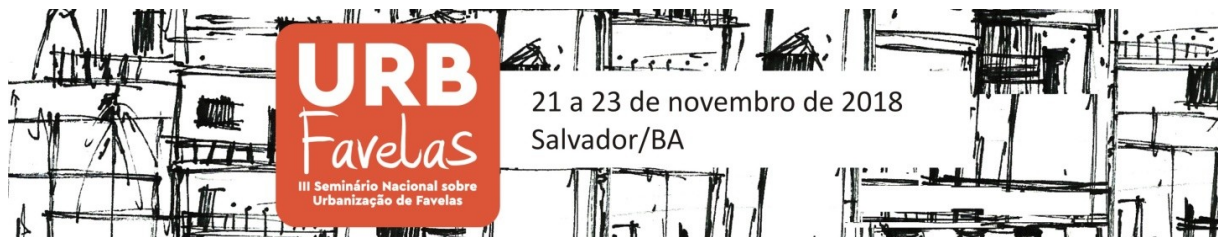
SANTOS, Carlos Nelson F. **Movimentos sociais urbanos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 255p., 1981.

SILVA, Jailson de Souza e, BARBOSA, Jorge Luiz. **Favela. Alegria e dor na cidade**. Rio de Janeiro: Editor SENACRIO, 2005.

SILVA, Jailson de Souza; BARBOSA, Jorge Luiz; BITETI, Mariane de Oliveira; Fernandes Fernando Lannes (Org.) (2009). **O que é a favela, afinal?**. Disponível em <http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/09/o-que-%C3%A9-favela-afinal.pdf>. Acesso em 16/08/2014.

SILVA, Maria Lais P. **Favelas Cariocas (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

WHYTE, Willian H. **The Social Life of Small Urban Spaces**. Washington, D.C.: The Conservation Foundation, 1980.



**- Artigos e/ou matéria de revista, botetim etc. (Periódicos)**

Entrevista com Janice Perlman. Disponível em [http://www.historia.uff.br/cantareira/edic\\_passadas/v5/janice.pdf](http://www.historia.uff.br/cantareira/edic_passadas/v5/janice.pdf). Acesso em 16/08/2015.

**- Monografias, dissertações e teses**

HOLLANDA, Carolina M. de. **A conquista de um território pela fotografia: a escola de fotógrafos populares e a mudança na representação da imagem das favelas na cidade do Rio de Janeiro.** Tese (Doutorado) – UFRJ/PROURB/Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, 2015.